



**O papel das representações da vinculação no  
desenvolvimento do comportamento pró-social  
em crianças em idade pré-escolar**

Sofia Salgado Arez

Orientador de Dissertação:

Professora Doutora Carla Fernandes

Professor de Seminário de Dissertação:

Professora Doutora Manuela Veríssimo

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Especialidade em Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento

2024

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Manuela Veríssimo e Professora Doutora Carla Fernandes, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre em Psicologia na especialidade de Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento.

## **Agradecimentos**

Primeiramente quero agradecer à minha orientadora, professora e “mãe” na faculdade, Professora Doutora Carla Fernandes. Quero deixar o mais sincero obrigado pelo colo, por todos os conhecimentos e valores que me transmitiu e pelos “respirares” nos momentos em que precisei, foi uma peça fundamental durante estes dois anos.

À Equipa de Desenvolvimento do Centro da Criança, pela oportunidade e pela aprendizagem. Queria destacar todos os que participaram nas recolhas deste projeto comigo, a ajuda crucial neste processo, em particular a Professora Marília Fernandes, a Anwen, a Beatriz e a Mariana, com elas aprendi imenso e tiveram sempre com uma palavra amiga, mesmo nos momentos mais difíceis, o meu sincero agradecimento. Queria também agradecer à Susete por partilhar comigo este caminho que foi tão exigente mas também muito gratificante, não podia ter tido uma parceira mais generosa.

À Professora Manuela Veríssimo, obrigada pelo seu conhecimento, pela calma que transmitia quando existiam medos, pela compreensão e por toda a ajuda neste caminho que foi o mestrado.

Não tenho palavras para agradecer à Eva, tudo o que fez por mim. Aos conselhos e ensinamentos valiosos que guardo para sempre, aos valores tanto profissionais como pessoais. Foi uma surpresa que encontrei, mas que tornou a minha vida mais bonita.

Quero agradecer às minhas Catarinas, pela partilha, pelas conversas, pelo exemplo, pelo conforto e por toda a ajuda crucial que me deram estes dois anos de mestrado. Sem elas teria sido muito mais difícil e não tão divertido! Aos meus amigos (Nana, Diogo, Rodrigo, Marta, Mateus, Carolina, Bia, Tita, Zé) por serem uma fonte de distração quando preciso e por me ensinarem tantas coisas. Partilhar a vida com vocês torna as coisas mais leves e mais divertidas.

Quero agradecer ao João, meu namorado, companheiro e amigo. Obrigada pela força, segurança, organização e estabilidade que trazes quando preciso. Obrigada pelo apoio e por acreditares em mim, mesmo quando às vezes eu podia duvidar.

Aos meus pais por tudo o que alcancei, pelo caminho guiado enquanto precisei (e precisarei) pelo carinho e pela resiliência. Aos meus irmãos Beatriz, Margarida e Miguel por terem sido os meus primeiros e melhores professores. Devido à diferença de idades, permitiram que crescesse a observar os seus comportamentos e aprender com eles. Ao meu avô Helder

pela importância das palavras e da leitura. À minha avó Antónia pelo orgulho que me faz sentir com cada conquista minha e pelo lado cuidador que tenho. Por fim à minha avó Teresa pelo gosto criativo e espaço de brincadeira que sempre me proporcionou.

Aos meus sobrinhos Amélia, Henrique e Guilherme (que está a chegar). Pois são eles que me ensinam sem eu perceber e foram eles que me fizeram apaixonar pelo desenvolvimento. Vê-los crescer e desenvolver-se à medida que vou emergindo no tema do desenvolvimento, é mágico! É-me uma honra assistir em primeira mão tudo o que na teoria se estuda, tornar-se uma realidade.

## Resumo

A teoria da vinculação relata a importância da relação entre a criança e o seu cuidador e explica como é que as interações com os mesmos impactam a maneira como as crianças criam e organizam as representações mentais. Estas representações internas são formadas nas experiências diárias entre o cuidador-criança. Representações mentais positivas, permitem à criança ter uma perspetiva de si mesma como capaz de lidar com as necessidades dos outros, uma perspetiva dos outros como confiáveis e merecedores de ajuda, conforto e partilha. Elementos estes, pertencentes ao comportamento pró-social que é uma ação ativa, voluntária destinada a beneficiar os outros.

O objetivo principal desta dissertação é analisar o papel das representações da vinculação no desenvolvimento do comportamento pró-social em crianças do pré-escolar, com foco nas diferentes dimensões, como a ajuda, a partilha e o conforto. Participaram 82 crianças, com 5 a 6 anos ( $M=70,78$ ;  $DP=4,27$ ), dos quais 57,3% eram rapazes. Para avaliar a vinculação foi utilizado o *Attachment Story Completion Task* – ASCT e a variável comportamento pró-social foi avaliada através de Tarefas pró-sociais. Foi também avaliada a competência verbal como co-variável, da *Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence* - WPPSI.

Os resultados mostraram uma relação significativa entre as dimensões do pró-social. Entre a ajuda, a partilha e o conforto existiram correlações significativas positivas. Houve também uma correlação positiva com significância entre dimensões do comportamento pró-social (partilha e conforto) e o QI Verbal. Relativamente ao comportamento pró-social e às representações da vinculação, não existiram correlações estatisticamente significativas. Em geral, os resultados indicam que, nesta amostra, as representações da vinculação não se mostram um fator determinante no comportamento pró-social.

**Palavras-chave:** vinculação; comportamento pró-social; idade pré-escolar

## Abstract

Attachment theory reports on the importance of the relationship between the child and their caregiver and explains how interactions with them impact the way children create and organize mental representations. These internal representations are formed in the daily experiences between caregiver and child. Positive mental representations allow the child to have a perspective of themselves as capable of dealing with the needs of others, a perspective of others as trustworthy and deserving of help, comfort and sharing. These elements belong to pro-social behavior, which is an active, voluntary action aimed at benefiting others.

The main objective of this dissertation is to analyze the role of attachment representations in the development of pro-social behavior in pre-school children, focusing on different dimensions such as helping, sharing and comforting. The participants were 82 children aged 5 to 6 ( $M=70.78$ ;  $SD=4.27$ ), 57.3% of whom were boys. The Attachment Story Completion Task (ASCT) was used to assess attachment and the pro-social behavior variable was assessed using pro-social tasks. Verbal competence was also assessed as a co-variable of the Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence - WPPSI.

The results showed a significant relationship between the dimensions of prosociality. There were significant positive correlations between helping, sharing and comfort. There was also a significant positive correlation between the dimensions of prosocial behavior (sharing and comfort) and Verbal IQ. There were no statistically significant correlations between pro-social behavior and representations of attachment. In general, the results indicate that, in this sample, representations of attachment are not a determining factor in pro-social behavior.

**Keywords:** attachment; prosocial behavior; preschool age

## Índice

I. Enquadramento teórico.....	1
1. Vinculação.....	1
2. Comportamento pró-social.....	4
3. Associações entre as representações da vinculação e comportamentos pró-sociais .....	6
3.1 <i>Comportamento pró-social e Vinculação em idade pré-escolar</i> .....	9
4. Objetivos e Hipóteses.....	11
II. Metodologia .....	12
1. Participantes .....	12
2. Instrumentos .....	13
2.1. <i>Questionário de Dados Sociodemográficos</i> .....	13
2.2. <i>Attachment Story Completion Task (ASCT)</i> .....	13
2.3. <i>Tarefas pró-sociais</i> .....	14
2.4. <i>Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence - WPPSI</i> .....	16
3. Procedimento.....	17
4. Análise de Dados.....	18
III. Resultados .....	19
IV. Discussão .....	25
Discussão das Hipóteses.....	30
Limitações e Estudos Futuros .....	32
V. Referências.....	35
VI. Anexos .....	44

## Índice de tabelas

Tabela 1. Média das Dimensões do Comportamento Pró-social.....	21
Tabela 2. Resultado das Correlações de Pearson Significativas Entre as Dimensões do Comportamento Pró-social.....	22
Tabela 3. Resultado das Correlações Entre as Dimensões do Comportamento Pró-social e o QI Verbal.....	23
Tabela 4. Resultado das Correlações Entre a Vinculação e as Dimensões do Comportamento Pró-social.....	25

## I. Enquadramento teórico

O desenvolvimento socioemocional das crianças é fundamental para moldar a forma como elas percebem e respondem às necessidades emocionais daqueles ao seu redor. Desde cedo, as crianças começam a demonstrar capacidade para reconhecer emoções nos outros, como inquietação, tristeza ou angústia, e muitas vezes são capazes de reagir de forma sensível e com estratégias eficazes para ajudar (Eisenberg, 2005). Contudo, nem todas as crianças reagem da mesma forma a essas situações, existem algumas crianças que podem não ter o mesmo tipo de abordagem, podendo despertar nelas sentimentos de indiferença, desconfiança, ou até mesmo angústia pessoal (Eisenberg, 2005).

Essas variações no comportamento pró-social e nas respostas emocionais suscitam questões importantes sobre o que diferencia estes dois grupos de crianças. É essencial, compreender quais fatores que influenciam os comportamentos pró-sociais, para identificar as variáveis que explicam essas diferenças. Variáveis como as interações e experiências precoces entre cuidador-criança e o contexto social e emocional em que a criança se desenvolve, podem ser determinantes nesse processo (Thompson, 2006). A teoria da vinculação postula que a qualidade da interação entre o cuidador e a criança tem um impacto profundo nas relações sociais que esta desenvolverá mais tarde (Costa et al., 2022; Shaver et al., 2016). Estas duas variáveis são fundamentais para o desenvolvimento de outras capacidades da criança que irão servir como base para a forma como ela irá responder, tanto emocionalmente como comportamentalmente, às necessidades dos outros em diversos contextos sociais.

### **1. Vinculação**

A teoria da vinculação, proposta inicialmente por John Bowlby (1969), revolucionou a compreensão do desenvolvimento emocional e social infantil. A vinculação refere-se ao laço emocional profundo e duradouro que a criança estabelece com os seus cuidadores primários, geralmente com os pais. Esta descreve a importância da relação entre a criança e o seu cuidador, que funciona de forma flexível de acordo com objetivos, mediado pelas emoções e em interação com outros comportamentos (Ainsworth, 1978; Bowlby, 1969; Sroufe & Waters, 1977). É a primeira relação afetiva da criança e serve de molde para as suas futuras relações e como esta se percebe, o *Self*.

Esse vínculo não é apenas um mecanismo biológico para garantir proteção, mas também um fator central no desenvolvimento psicológico e social da criança (Bowlby, 1958). A função biológica tem como objetivo primário, a manutenção da proximidade entre o cuidador-criança e protegê-la de eventuais perigos, moldando-se de forma a responder às necessidades da criança (Bowlby, 1958). A necessidade de proximidade intensifica quando o cuidador é ativado, alarmando-o através de sinais. Bowlby (1958/1969/1982) definiu estes sinais como comportamentos de vinculação, que são comportamentos da criança organizados para promover a proximidade ao cuidador. Existem comportamentos de sinalização (i.e. chorar, sorrir, vocalizar...) e de aproximação (i.e. sugar/sucção, seguir, agarrar...). Estes podem ser ativados pela presença de determinados estímulos do meio e desencadeiam respostas nos cuidadores. Na perspectiva da criança, isto traduz-se na procura de disponibilidade da sua figura de vinculação.

Quando este sistema é ativado, por norma é requerido algum tipo de contacto físico com o cuidador (Bowlby, 1958). Especialmente em bebés, é necessário, para que estes se consigam regular e acalmar. Com o evoluir do desenvolvimento, esta necessidade vai sendo cada vez menos intensa, sendo conseguida através de outros meios (não físicos por exemplo). Para a desativação deste sistema, por outras palavras, para que o bebé se consiga regular, uma das condições fundamentais é que a criança perceba que a figura de vinculação está disponível e é responsiva. Isto é, que tenha a capacidade de ser o suporte físico e emocional, quando o bebé necessita (Ainsworth, 1978; Bowlby, 1958; Forslund et al., 2022). A este fenómeno, dá-se o nome de base segura. Permite à criança explorar o meio físico e social, tendo o cuidador como base segura e como porto de abrigo, transmitindo-lhe apoio, conforto e segurança, isto é, alguém que a criança possa recorrer sempre que necessário (Ainsworth, 1978).

Face à função psicológica, esta permite à criança internalizar o modelo da relação com a figura de vinculação, o que lhe proporciona uma sensação de segurança e de confiança necessárias, para que esta possa explorar o mundo de uma forma cada vez mais autónoma (Ainsworth, 1978; Bowlby, 1982; Schore, 2000). É com esta função, que com o desenvolvimento da criança vai promovendo a sua independência numa fase posterior. Do contacto e da proximidade física passa-se para um sentimento de disponibilidade da figura de vinculação. Há uma maior capacidade de tolerar períodos de separação e um maior controlo da expressão emocional e comportamental. Estas representações internas são formadas com base nas experiências diárias entre cuidador e a criança (Ainsworth, 1979/1989). Neste sentido, a

forma como os cuidadores respondem consistentemente às necessidades das crianças molda a qualidade da vinculação.

Essas interações iniciais entre o cuidador e a criança são cruciais para a construção dos modelos internos dinâmicos (MID), um conceito definido por Bowlby (1982) como um elemento pertencente ao sistema de controlo da vinculação. Isto é, representações cognitivas e emocionais que a criança desenvolve sobre si mesma, sobre os outros e sobre o mundo social (Bretherton, 1992). Ao longo do desenvolvimento, a criança vai progressivamente internalizando os aspetos mais salientes das relações que estabelece com as suas figuras de vinculação. O conteúdo destas representações consiste na informação que a criança vai reunindo e com base nas experiências diárias entre cuidador e a criança (Ainsworth, 1989). Estes modelos são entendidos como representações mentais dinâmicas mas ainda assim estáveis. Isto significa que são relativamente estáveis, por exemplo se existir um período limitado mais tenso para a figura de vinculação, em que esta não consiga estar tão disponível como antes, a relação não se vai alterar por isso. Contudo são dinâmicos, ou seja, se este período não for limitado e passar a ser algo mais consistente, vai efetivamente alterar a relação cuidador-criança. Por exemplo, apesar do cuidador ter estado disponível nos dois primeiros anos da criança, isto não garante a qualidade da vinculação no tempo, se esta não for cuidada e mantida (Garcia, 2017).

Os modelos internos dinâmicos surgem por volta do início da segunda infância, que corresponde dos dois aos sete anos de idade, e a criança passa a ser capaz de simbolizar a relação, mesmo na sua ausência (capacidades representativas) (Bowlby, 1982). Esta conquista permite à criança falar sobre eventos passados e presentes (Pipp, 1990). Esta capacidade de verbalizar as suas experiências, revela-se um indicador essencial para compreender as representações da vinculação nas crianças. Posto isto, as evidências sugerem que através da linguagem seja possível aceder às representações da vinculação nas crianças, como por exemplo a tarefa das narrativas (Attachment Story Completion Task - ASCT de Bretherton & Ridgeway, 1990), salientando a importância da linguagem como uma ferramenta fundamental na avaliação de seus vínculos emocionais e sociais (Garcia, 2017; Waters & Waters, 2006). Esses modelos influenciam, de forma significativa, como a criança interpreta as interações sociais e responde emocionalmente a elas ao longo da vida (Sroufe et al., 2005; Waters & Waters, 2006).

## **2. Comportamento pró-social**

Em psicologia do desenvolvimento, o comportamento pró-social é um tópico que desperta muito interesse há bastante tempo, nomeadamente, como este surge e o seu desenvolvimento precoce (Paulus, 2018). A utilização da terminologia é comum ao identificar qualquer tipo de comportamento que seja direcionado e que tenha como finalidade favorecer um outro (Dunfield, 2014). Segundo a definição de Eisenberg e autores (2015) o comportamento pró-social é uma manifestação comportamental ativa e voluntária destinada a beneficiar outros.

A maioria dos estudos (Memcott-Elison et al., 2020; Van Hoorn et al., 2016) aborda a pró-socialidade como uma conceptualização geral. Foi apenas recentemente que se estabeleceu esta medida como uma de natureza multidimensional (Memcott-Elison et al., 2020; Paulus, 2018). Neste sentido, este presente estudo tem como enfoque a natureza multidimensional do comportamento pró-social e estuda estas diferentes dimensões em particular.

À semelhança da maioria dos estudos sobre a primeira infância, que se referem ao comportamento pró-social como uma variável multidimensional, foram centralizadas três principais dimensões: ajuda, partilha e conforto (i.e. Dunfield & Kuhlmeier, 2013; Dunfield, 2014; Memcott-Elison et al., 2020; Paulus, 2018). De modo a depreender melhor estas dimensões, é necessário defini-las. A primeira dimensão é a ajuda, que é caracterizada como uma resposta a uma necessidade para completar uma ação orientada para um objetivo. Esta pode ser motivada pela empatia e pela preocupação com o outro (Dunfield, 2014; Eisenberg et al., 2015; Spinrad & Eisenberg, 2017). A segunda dimensão abordada é a partilha, que tem por base uma resposta a um desejo material de um outro indivíduo, e tem por objetivo promover a cooperação entre os envolvidos. A terceira dimensão refere-se ao conforto, isto é, uma resposta de um indivíduo ao sofrimento emocional de um outro, de forma a criar-lhe uma sensação de consolo e segurança. Estas dimensões determinam-se como cruciais para a construção de relações mais fortes e para a interação social (Eisenberg et al., 2006).

Os comportamentos pró-sociais, são peças essenciais para o estabelecimento de relações de confiança e de cooperação nos indivíduos e na sociedade, sendo que estes podem impactar a forma como duas pessoas interagem entre si (Spinrad & Eisenberg, 2017). Desta forma, certos modelos internalizados são possíveis fatores de motivação, bem como a preocupação com o outro. Ambos podem contribuir para que um indivíduo aja em prol de outro (Spinrad & Eisenberg, 2017). Em contraste, podem existir ações que, contrariamente à

motivação, estas podem ser realizadas com a intencionalidade de receber algo em troca como recompensas materiais e/ou sociais, ou ainda para evitar punições e castigos (Eisenberg et al., 2006), e não para auxiliar um outro, como os comportamentos pró-sociais têm adjacente na sua base.

Segundo Dunfield & Kuhlmeier (2013), o envolvimento de uma criança num comportamento pró-social pode requerer um sistema de três passos. Primeiramente é necessário reconhecer a presença de sinais (comportamentais ou situacionais) que sugerem que uma outra pessoa esteja a comunicar um estado negativo de necessidade, desejo ou angústia, isto é, reconhecer qual a necessidade no outro. Em segundo lugar, identificar o comportamento apropriado para a situação, ou seja qual a forma mais eficaz de atuar perante tal necessidade, de modo a ajudar o outro a conseguir aliviar esse seu estado negativo. Por fim, o terceiro passo, é fundamental estar motivado para desenvolver tais comportamentos pró-sociais adequados (Dunfield & Kuhlmeier, 2013; Salerni & Caprin, 2022).

Em contraste com a concepção geral, de que as crianças apenas aprendem gradualmente a serem sensíveis às necessidades dos outros, existe uma aparente manifestação precoce de comportamentos pró-sociais que estão extensivamente relatados no final do primeiro ano de vida (Salerni & Caprin, 2022). Dado que a literatura postula, que apesar das capacidades sócio-cognitivas que ainda se encontram em desenvolvimento e da capacidade ainda limitada de distinguir entre os seus próprios estados internos dos de outros, a inclinação da criança para comportamentos pró-sociais é tão forte que simples demonstrações de afeto podem desencadear ações de ajuda e partilha, bem como esforços conscientes e direcionados a confortar aqueles em necessidade (Dunfield & Kuhlmeier, 2014; Salerni & Caprin, 2022). Na realidade, a partir do começo do segundo ano de vida, as crianças pequenas apresentam a capacidade de oferecer informações úteis de forma espontânea, utilizando gestos como apontar, e fornecer ajuda prática sem que lhes peçam explicitamente ou esperem recompensas em troca.

No entanto, a maioria das pesquisas têm-se concentrado em apenas numa ou duas formas específicas de comportamento, tais como ajuda, conforto, partilha de recursos materiais e fornecimento de informações, que são as mais investigadas, e depois generalizam os resultados para uma gama mais ampla de comportamentos pró-sociais (Grusec et al., 2011). Além disso, é importante denotar que estudos anteriores que examinaram e compararam várias formas de comportamentos pró-sociais apresentaram resultados diversos. Apenas alguns deles

encontram correlações entre os diferentes comportamentos considerados, ainda que essas sejam limitadas (Deneault et al., 2023; Salerni & Caprin, 2022).

### **3. Associações entre as representações da vinculação e comportamentos pró-sociais**

A relação entre a vinculação e o comportamento pró-social tem sido amplamente estudada na psicologia do desenvolvimento, revelando uma forte conexão entre a qualidade das primeiras interações cuidador-criança e a capacidade subsequente da criança em agir de forma empática em contextos sociais (Sroufe et al., 2005). Os comportamentos pró-sociais são cruciais para desenvolver e manter relações harmoniosas como a vinculação, que acalmam e confortam a criança e desenvolvem essa relação (Memmott-Elison et al., 2020). Uma das teorias adjacentes ao comportamento pró-social, é a da vinculação pois determina como a interação com o cuidador impacta mais tarde as relações sociais (Bowlby, 1982; Bretherton & Munholland, 2008).

A qualidade da vinculação desempenha um papel central na formação da autoimagem da criança, na sua capacidade de confiar nos outros e na sua competência social, moldando assim o comportamento pró-social (Thompson, 2008). Como referido anteriormente, a teoria da vinculação sugere que as primeiras experiências da criança, com seus cuidadores, ajudam-na a formar representações mentais sobre si mesma, sobre os outros e sobre o mundo, os modelos internos dinâmicos. Esses modelos são utilizados pela criança para interpretar as interações sociais e para guiar o seu comportamento em diferentes situações (Bowlby, 1969; Bretherton, 1992). Crianças que experienciam interações responsivas e sensíveis com os seus cuidadores tendem a desenvolver um modelo interno de que os outros são confiáveis e que elas mesmas são dignas de cuidado e de atenção. Experiências de vinculação seguras podem promover confiança nas interações sociais, que são fundamentais para o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais. Essas sensações de confiança e segurança internalizadas incentivam os comportamentos pró-sociais. A criança sente-se motivada a ter esses comportamentos, acreditando que suas ações terão um impacto positivo nos outros.

Por outro lado, se a criança vivencia interações inconsistentes ou negligentes, esta pode desenvolver um modelo interno em que os outros são vistos como imprevisíveis e inconstantes, o que se pode traduzir em algo “ameaçador”. Isto pode reduzir a sua predisposição para se envolver em comportamentos pró-sociais, podendo prejudicar a sua disposição para agir em prol dos outros (Thompson, 2006). Em vez disso, essas crianças podem adotar uma postura

mais autocentrada ou defensiva, na qual priorizam a autopreservação relativamente ao bem-estar dos outros. Desta forma, é salientada a importância das primeiras relações na construção de competências sociais.

Estudos anteriores postulam que a vinculação não só influencia o comportamento pró-social na primeira infância, mas também molda a forma como as crianças interagem em contextos sociais mais amplos, como na escola e com os seus pares. Crianças que estabelecem vínculos seguros tendem a ser mais aceites pelos os seus pares e a ter melhores relações sociais, visto que demonstram ter comportamentos mais colaborativos e são percebidas como fontes confiáveis de suporte emocional (Asher, & McDonald, 2009; Costa et al. 2022; Shaver et al., 2016). Essa aceitação social, por sua vez, reforça o comportamento pró-social, criando um ciclo positivo de interações sociais satisfatórias.

A pesquisa de Sroufe e colaboradores (2005) mostrou que, ao longo do desenvolvimento, as crianças que formam laços de vinculação seguros também são mais propensas a estabelecer amizades fortes e duradouras. Isso porque a base segura proporcionada por uma relação de vinculação segura com os cuidadores, promove o comportamento pró-social.

Groh em conjunto com outros autores (2014) analisaram a associação da segurança da vinculação entre cuidadores-criança e a competência social com os pares. Nesta investigação os autores usaram a prosocialidade de forma ampla, sendo incluída dentro da competência social. Os resultados revelaram uma associação significativa e positiva entre a segurança da vinculação e a competência social das crianças, indicando que uma relação segura com os cuidadores pode favorecer a capacidade de interagir de forma colaborativa, empática e cooperativa com outras crianças.

Estudos longitudinais sugerem que crianças que estabelecem uma vinculação segura tendem a desenvolver melhores comportamentos pró-sociais (Kim & Kochanska, 2017; Sroufe et al., 2005). A qualidade dessas interações com as figuras de vinculação podem afetar diretamente a capacidade da criança de responder de maneira cuidadosa às necessidades dos outros (Thompson, 2006).

Outro estudo relevante é o trabalho de Mikulincer & Shaver (2007), que investigaram o impacto dos modelos internos dinâmicos de vinculação na capacidade de adultos demonstrarem comportamentos pró-sociais. Os autores descobriram que adultos com modelos

de vinculação seguros, formados durante a infância, eram mais propensos a demonstrar empatia, preocupação com o bem-estar dos outros e maior inclinação para oferecer ajuda, especialmente em contextos onde o apoio emocional era necessário. Embora focado em adultos, esses resultados sugerem que os padrões de comportamentos pró-sociais, desenvolvidos na infância, continuam a ser influenciados pela qualidade da vinculação ao longo da vida.

A investigação de Deneault e colaboradores (2023) focou-se na relação de vinculação entre pais e filhos na primeira infância e a predisposição das crianças a comportamentos pró-sociais. Os resultados mostraram que as crianças com um vínculo seguro e responsivo com seus cuidadores apresentavam maiores níveis de comportamento pró-social, como ajudar, partilhar e confortar. O estudo destacou que a segurança na vinculação permite que a criança desenvolva modelos internos dinâmicos positivos, que promovem um maior senso de confiança nas relações sociais. As crianças que confiam nos seus cuidadores como fontes de apoio emocional são mais inclinadas a prolongar esse cuidado com os outros em situações sociais (Deneault et al., 2023).

Gross e colaboradores (2017), oferecem uma análise mais complexa da relação entre vinculação e comportamento pró-social. Este estudo sublinha que o comportamento pró-social em crianças é multifacetado, abrangendo diferentes formas de interação social. Os autores argumentam que, enquanto a vinculação segura com os cuidadores desempenha um papel importante em todas essas áreas, diferentes tipos de comportamento pró-social podem ser influenciados por aspectos distintos da vinculação. O estudo sugere que crianças com diferentes níveis de vinculação podem exibir padrões diferentes de comportamento pró-social. Crianças com vínculos menos seguros tendem a demonstrar comportamentos pró-sociais motivados mais por ganho pessoal ou aprovação externa, ao invés de uma genuína preocupação pelo bem-estar do outro (Gross et al., 2017). É importante notar que crianças com uma vinculação insegura podem manifestar comportamentos pró-sociais, embora as suas motivações possam ser diferentes das crianças com um vínculo seguro. Essa conclusão sugere que a qualidade da vinculação influencia não apenas a quantidade, mas também a motivação subjacente aos comportamentos pró-sociais.

A pesquisa de Deneault e colaboradores (2023) destaca como a segurança emocional fornecida por um cuidador sensível e responsivo contribui diretamente para o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais. Por outro lado, o estudo de Gross e colaboradores (2017)

demonstra que diferentes formas de comportamento pró-social podem ser moldadas por aspectos distintos da vinculação, e que a motivação para esses comportamentos pode variar de acordo com a qualidade do vínculo. Ambos sublinham o papel crucial das primeiras interações de vinculação no desenvolvimento social das crianças.

### *3.1 Comportamento pró-social e as Representações da Vinculação em idade pré-escolar*

O período pré-escolar, para além de preparar a criança para os anos escolares que se avizinham, permite desenvolver outras valências (Coplan & Arbeau, 2009). Existe uma evolução em diversas dimensões desde o conhecimento a interações e competências socioemocionais. Este desenvolvimento é visível também ao nível dos modelos internos dinâmicos. Uma vez que estes de um modo inicial, operam a um nível sensorio-motor, mas derivado ao desenvolvimento cognitivo e linguístico da criança, após os 3 anos passam a reorganizar o seu comportamento a um nível simbólico possibilitando que a criança explore, mesmo quando longe da sua família (Costa et al., 2022; Main et al., 1985).

Esse período, coincide com a transição do pré-escolar para os primeiros anos do ensino formal, representa uma fase de desenvolvimento crítico para as competências sociais (Coplan & Arbeau, 2009). A qualidade dessa vinculação durante a primeira infância pode prever a forma como a criança se comporta com seus pares mais tarde, influenciando a capacidade de partilhar, ajudar e se confortar outros (Sroufe et al., 2005). Assim, estudar a vinculação nesta fase de desenvolvimento permite uma compreensão mais clara das origens dos comportamentos pró-sociais e oferece indicadores sobre essas interações e como estas podem promover o desenvolvimento desses comportamentos.

É entre os cinco e sete anos, que as crianças geralmente iniciam o ensino primário, sendo que podem enfrentar uma série novos desafios académicos e cognitivos, mas não só, é nesta fase que surgem as primeiras questões sociais. Uma vez que o ambiente escolar disponibiliza uma expansão significativa das relações sociais, o que exige das crianças maior capacidade de interação com os outros. Durante esse período, os comportamentos pró-sociais como a partilha, a ajuda e o conforto tornam-se cruciais para o sucesso entre os pares (Eisenberg et al., 2015). Além disso, essa transição exige que as crianças façam uso dos modelos internalizados, previamente desenvolvidos nas interações familiares, para explorar as novas questões sociais. A qualidade da vinculação tem um papel central em como estas se ajustam ao ambiente escolar e em como constroem relacionamentos positivos com pares e

figuras assimétricas (Shaver et al., 2016). Crianças com uma base segura de vinculação tendem a mostrar maior confiança em si mesmas, o que facilita os comportamentos pró-sociais no ambiente escolar.

A literatura indica que, por volta dos cinco anos, as crianças já conseguem reconhecer as emoções dos outros, mas entre os seis e sete anos elas começam a entender melhor as causas e consequências dessas emoções (Rebello et al., 2013), o que facilita o envolvimento em comportamentos que ajudam os outros. Esse desenvolvimento cognitivo e emocional dá-se em parte pela internalização dos padrões de vinculação, os modelos internos dinâmicos. As crianças que têm suas próprias necessidades emocionais atendidas pelos cuidadores estão mais aptas a desenvolver sensibilidade em relação aos sentimentos dos outros (Deneault et al., 2023), ou seja as crianças que experimentaram vínculos seguros tendem a demonstrar-se mais predispostas a ter comportamentos de ajuda, pois confiam que os próprios são compreendidos e valorizados, o que as capacita a fazer o mesmo pelos outros (Gross et al., 2017). Entre os cinco e sete anos, as crianças começam a passar mais tempo com seus pares, e as interações sociais ganham uma nova dimensão nas suas vidas. O papel dos amigos e colegas de turma torna-se cada vez mais relevante, tanto para o desenvolvimento da identidade social quanto para os comportamentos pró-sociais (Rubin et al., 2006). A vinculação com os cuidadores continua a influenciar o comportamento pró-social, mesmo com a crescente importância dos pares. Crianças que possuem modelos internos dinâmicos positivos, baseados em experiências seguras de vinculação, são mais propensas a formar amizades baseadas na confiança e cooperação (Asher, & McDonald, 2009). Isso, por sua vez, facilita comportamentos pró-sociais, como ajudar, confortar e partilhar, como em envolver-se com os outros em jogos cooperativos (Rubin et al., 2006). Por outro lado, crianças que experimentam dificuldades de vinculação podem ter mais dificuldades em estabelecer relações saudáveis com os pares, o que pode levar a um aumento de comportamentos antissociais.

Estudar as representações da vinculação e o comportamento pró-social nessa faixa etária também é crucial porque esse período é considerado um momento de “oportunidade” para intervenções eficazes. A neuroplasticidade ainda é elevada, o que significa que as capacidades socioemocionais e pró-sociais podem ser modeladas de maneira eficiente por meio de intervenções direcionadas, seja no contexto familiar ou escolar (Deneault et al., 2023). Portanto, estudar essas questões no pré-escolar oferece a oportunidade de realizar intervenções com uma óptica preventiva, que pode ter impactos a longo prazo no bem-estar social e

emocional das crianças. Neste sentido, é crucial investigar as representações da vinculação e o comportamento pró-social na primeira infância, pois isso pode fornecer dados importantes para a prevenção de comportamentos antissociais e problemas emocionais. Crianças que desenvolvem vínculos inseguros ou que experimentam negligência ou rejeição nas suas primeiras relações têm um maior risco de apresentar comportamentos desajustados, como indiferença social, comportamentos violentos ou defensivos (Gross et al., 2017). Compreender essas dinâmicas pode ajudar na intervenção para que esses riscos possam diminuir e promover um desenvolvimento saudável.

#### **4. Objetivos e Hipóteses**

Com base na literatura, esta investigação pretende analisar como é que as representações da vinculação se relacionavam com cada uma das dimensões do comportamento pró-social e contribuir para a compreensão da correlação entre essas variáveis. Neste sentido, o presente estudo tenta preencher a lacuna existente na investigação relativamente a este tópico em crianças do pré-escolar, além de abordar a escassez de estudos sobre o comportamento pró-social como um conceito multidimensional, neste caso, composto por três dimensões. A maioria dos estudos aborda a pró-socialidade como uma conceptualização geral e na literatura, não é claro se as representações da vinculação se relaciona de igual modo com todas as dimensões do comportamento pró-social. Por outro lado, embora o tema da vinculação tenha sido amplamente estudado, tanto quanto foi possível aferir, são poucos os estudos que utilizam as representações da vinculação para aceder aos padrões de vinculação da criança (i.e Fernandes, 2020). Deste modo, esta pesquisa pretende examinar a qualidade da vinculação através das representações da vinculação. Assim, um dos objetivos desta investigação foi aprofundar a compreensão dos fatores relacionados com o comportamento pró-social em crianças em idade pré-escolar.

O objetivo principal desta dissertação é analisar o papel das representações da vinculação no desenvolvimento do comportamento pró-social em crianças do pré-escolar, com foco nas diferentes dimensões, como a ajuda, a partilha e o conforto. Pretende-se explorar de que forma as representações de vinculação, especialmente aquelas seguras, podem influenciar a predisposição das crianças em interagir de maneira pró-social com os outros.

Em concordância com estes objetivos, foram desenvolvidas as seguintes hipóteses de investigação: (H1) prevemos que crianças com uma representação da vinculação segura sejam

mais propensas a ajudar outros; (H2) esperamos que crianças com uma representação da vinculação segura sejam mais predispostas a partilhar com outros; (H3) é expectável que crianças com uma representação da vinculação segura estejam mais dispostas e atentas a confortar outros (Costa et al., 2022; Deneault et al., 2023; Eceiza, et al., 2011; Gross et al., 2017).

A realização da recolha de dados ser em Portugal adiciona um novo contexto e cultura aos estudos previamente realizados, com exceção do trabalho de Costa e colaboradores (2022). Outro aspecto complementar é o facto de as variáveis serem operacionalizadas de forma direta e exclusiva entre si, enquanto a maioria dos estudos tende a incluir uma terceira variável, geralmente a empatia. Por fim a utilização de medidas de observação e dos instrumentos utilizados para avaliar as variáveis, adiciona um novo contributo à investigação visto que, por norma estas são feitas através de questionários de auto-relato.

## II. Metodologia

### **Método**

#### **1. Participantes**

Neste estudo, fizeram parte da amostra 82 crianças, com idades compreendidas entre os 62 a 79 meses ( $M=70,78$ ;  $DP=4,27$ ), dos quais 57,3% eram rapazes ( $n=47$ ) e 42,7% eram raparigas ( $n=35$ ). Relativamente à nacionalidade, 56,1% ( $n=46$ ) das crianças tinham nacionalidade portuguesa, os restantes 43,9% correspondem a informação não obtida nos dados sociodemográficos. No que concerne à escolaridade, todas as crianças frequentavam o pré-escolar. Dos participantes, 15,9% eram filhos primogénitos e 39% tinham irmãos. Em média, estas crianças passam 8,23 horas ( $DP=1,03$ ) na escola e tiveram o primeiro contacto com a creche ou uma ama aos 13,4 meses, em média ( $DP= 11,96$ ).

A recolha desta amostra foi feita em cinco escolas, em Portugal, mais especificamente, na área metropolitana de Lisboa e no distrito de Santarém, em Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) e colégios privados. Sendo que, esta recolha contou com o auxílio da equipa de investigação do William James Center for Research.

Os elementos que integraram esta amostra eram crianças que constituíssem interesse, o próprio assentimento das mesmas e autorização dos seus encarregados de educação, em

consequência o tipo de amostragem foi de conveniência. Considerou-se como critério de inclusão crianças com idades entre os 5 e 6 anos.

## **2. Instrumentos**

### ***2.1. Questionário de Dados Sociodemográficos***

Este questionário foi elaborado para ser aplicado aos cuidadores dos participantes, com o objetivo de obter informações sobre as principais características sociodemográficas dos mesmos e das suas crianças. Para tal, foram solicitados aos pais os seus dados pessoais, tais como, nacionalidade, estado civil, nível de escolaridade, idade e situação de emprego atual. Também foram recolhidos dados relativos às crianças, incluindo sexo, data de nascimento, nacionalidade, número de irmãos e suas idades, idade em que começaram a frequentar creche/escola, ano escolar e número de horas que passam na escola por dia.

### ***2.2. Attachment Story Completion Task (ASCT)***

Com o objetivo de avaliar a vinculação entre criança e o seu cuidador, foi aplicado o Attachment Story Completion Task (ASCT) (Bretherton et al., 1990). Este é o instrumento que nos permite aferir a qualidade da relação pais-criança. Tem por base a análise das respostas de crianças entre os 3 a 6 anos, relativas às representações que estas têm das figuras de vinculação (Bretherton et al., 1990; Silva et al., 2008). Em conformidade, Oppenheim & Waters (1995), mencionam que é expectável que através da forma como a criança constrói a narrativa e o conteúdo dessas mesmas respostas que nos permitem aceder ao conteúdo dos modelos internos das crianças. A entrevista consiste em seis histórias, onde apenas é dado o início e tem como propósito serem contadas/finalizadas pelas crianças, com recurso a adereços, bonecos.

Os bonecos representam uma família tradicional: a mãe, o pai, a criança, a vizinha, quatro crianças, um menino maior (o/a irmã/o mais velho/a) e um mais pequeno (o/a irmã/o mais novo/a) ou uma menina maior e outra menina mais pequena. A boneca principal que vai representar a criança, é necessário que seja do mesmo género que esta (Fernandes et al., 2019). Da mesma forma, a criança protagonista vai desempenhar a mesma posição na fratria, se tiver irmãos, caso não tenha, será a mais velha. São também utilizados adereços e mobiliário, como uma mesa e quatro cadeiras; um bolo de aniversário; um conjunto de pequenos pratos e copos; uma peça de feltro verde para representar a relva; uma pequena esponja cinzenta a representar uma rocha; camas, cobertores e um carro (Bretherton et al., 1990; Silva, et al., 2008).

O investigador começa por dar início a cada história e depois pede à criança para prosseguir e concluir a história de forma livre. São feitas algumas perguntas não-directivas de modo a facilitar esta mesma tarefa (Fernandes et al., 2019). Cada história mencionada tem uma conotação correspondente. A primeira história é a do “Bolo de aniversário” é uma história que apenas serve de treino, não sendo assim cotada, ou seja para a familiarização da criança com a tarefa, para que esta compreenda o que é que se pretende nas histórias seguintes. A segunda história é a do sumo entornado, que enquadra a figura de vinculação num papel autoritário; a terceira história, do joelho magoado envolve a dor como um desencadeador de comportamentos de vinculação e proteção; à semelhança da segunda história, a quarta, o monstro no quarto, também utiliza um desencadeador de comportamentos mas desta vez, com o medo; a quinta história, a da partida, que envolve a ansiedade de separação e a capacidade de *coping*, com um outro cuidador (neste caso, a vizinha); e por fim a sexta história, a do reencontro, como reagem e respondem, as crianças, ao regresso dos pais (Bretherton et al., 1990; Fernandes et al., 2019). Quando é pedido à criança para que esta realize esta tarefa, ela não evoca apenas as experiências das interações que teve com a figura de vinculação (as representações da vinculação), mas também evoca medos e desejos que esta tenha (Miljkovitch et al., 2004).

A cotação da escala varia em 7 pontos, para o script de base segura, utilizando uma adaptação de Waters e autores (1998). Como mencionado, essas pontuações gerais das histórias podem variar de 1 - histórias consideradas estranhas ou desviantes, nas quais a figura de vinculação falha em proteger a criança e/ou em reconhecer a relevância do vínculo nos eventos narrados até 7 - histórias completas que sugerem uma base segura para exploração e um refúgio de segurança quando necessário.

Observou-se um elevado nível de concordância entre os observadores, isto é, acordo inter-observadores, que conforme evidenciado pelo índice de *Kappa de Cohen* ( $k > .80$ ), indica uma consistência nas avaliações e uma concordância substancial entre os avaliadores.

### ***2.3. Tarefas pró-sociais***

De modo a avaliar o comportamento pró-social, o instrumento utilizado foi o das Tarefas pró-sociais (Beier et al., 2018) . É constituído por nove tarefas, distribuídas pelas três dimensões: a ajuda, a partilha e o conforto, em crianças dos 3 aos 5 anos.

Nas tarefas de ajuda fazem parte: o cartaz, onde é pendurado um *poster* com fita cola e meio do ato é deixada cair pelo investigador, e seguindo o protocolo é esperada a reação da

criança; a porta, o experimentador vem carregado com sacos nos braços, de encontro à porta da sala onde se vão realizar as tarefas, e depara-se com a porta fechada mas por causa dos sacos demonstra dificuldade em chegar a maçaneta da porta para a abrir, mais uma vez é esperada a reação da criança; a dos berlindes, consiste no experimentador levar uma caixa com berlindes e depois de entrar com a criança na sala, deixa caí-los no chão e ficando espalhados. Estas tarefas têm no máximo 30 segundos de realização, podendo acabar antes do tempo terminar, caso a criança ajude ou demonstre iniciativa de tal (Beier et al., 2018). Nas tarefas de partilha fazem parte: a tarefa das bolachas, o investigador leva dois pacotes de bolachas para fazer um lanche com a criança, entrega o pacote que tem bolachas à, colocando-as numa taça de modo a que a criança as consiga visualizar (e quantificar), e posteriormente vai abrir o outro pacote para repetir o processo de colocar na taca, quando repara que não tem bolachas; dos balões, o experimentador leva três balões, dois para dar à criança, e um outro para ele, enche os dois balões à criança, para que esta veja que estão intactos, e depois enche o do próprio, e depara-se com o balão furado; a dos autocolantes, o experimentador leva oito autocolantes, quatro usados e quatro novos, dando os novos à criança, quando o experimentador vai para usar os autocolantes apercebe-se que já foram utilizados. Estas tarefas têm no máximo 45 segundos, e à semelhança das tarefas de ajuda, podem terminar antes do fim do tempo, caso a criança partilhe, ou seja estas seis tarefas (três de ajuda e três de partilha) terminam com a tentativa ou participação ativa da criança (Beier et al., 2018). Nas tarefas de conforto: a do desenho, consiste na realização de dois desenhos, um feito pela criança e outro pelo investigador, a meio da tarefa o investigador deixa cair água em cima do desenhado, demonstrando que fica triste com a situação; a do telemóvel partido, o experimentador deixa cair o telemóvel ao chão e quando o apanha e olha para o visor o aparelho está todo partido e deixa de funcionar; a do joelho magoado, o investigador ao sentar-se ou levantar-se bate com o joelho na mesa, mostrando que se magoou. Estas tarefas têm no máximo 2 minutos, e contrariamente às outras duas dimensões, nestas, as tarefas só terminam quando o tempo acabar, mesmo que a criança conforte ou ofereça auxílio (Beier et al., 2018). Isto deve-se ao facto de esta dimensão ser avaliada, não só pelo tipo, como também pela qualidade do conforto prestado (Beier et al., 2018).

Todos estes comportamentos têm uma codificação de modo a ser analisado e traduzido para dados concretos (Beier et al., 2018). As tarefas da ajuda vão de 1- Não ajuda, não oferece ajuda, não dá conselhos ou nem reconhece a situação verbalmente a 6 - Ajudou imediatamente. As tarefas da partilha vão de 1- Não partilha, não se oferece para partilhar, não oferece conselhos nem reconhece a situação verbalmente a 7- Partilha mais de 1 ítem e pelo menos 1

desses itens foi dado imediatamente. Por fim, as tarefas do conforto vão de 1- Nada reconfortante a 5 - Muito reconfortante. Quanto maior o valor em cada uma das escalas, mais pró-social é o comportamento da criança, isto significa, que a criança consegue identificar que necessidade o investigador tinha e fornecer o comportamento adequado.

Nesta amostra, a dimensão da ajuda teve um alfa de Cronbach de  $\alpha = .72$ , relativamente à dimensão da partilha, obteve um  $\alpha = .78$  e na dimensão do conforto verificou-se um alfa de  $\alpha = .85$ . Em geral, valores do alfa acima de 0,70 são considerados aceitáveis,  $0,70 \leq \alpha < 0,80$  é considerada boa e de  $0,80 \leq \alpha < 0,90$  é muito boa. Os resultados obtidos rondam esses valores de alfa, indicando que as dimensões apresentam uma fiabilidade entre boa e satisfatória.

#### *2.4. Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence - WPPSI*

Devido ao instrumento utilizado para avaliar as representações da vinculação (ASCT) nas crianças, é fundamental certificarmo-nos da competência verbal das crianças participantes. Para esse efeito, recorreremos a um outro instrumento, o teste Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence-Revised (WPPSI-R) (Wechsler, 1989), sendo este, aplicado com o intuito de avaliar a influência das capacidades cognitivas verbais (o vocabulário, a compreensão verbal, entre outros) na construção das narrativas da criança (Fernandes et al., 2019). Deste modo, é relevante salientar, que apenas as provas do QI verbal foram aplicadas. O desempenho da criança, por norma, é contabilizado no score total, isto é, o somatório dos dois subtestes (o QI verbal e QI de realização), contudo visto que só as provas verbais foram aplicadas o enfoque deste estudo é apenas no QI verbal. Neste presente estudo, foi utilizada a versão portuguesa adaptada e validada por Seabra-Santos e autores, em 2003.

A WPPSI é um teste psicométrico que mede a inteligência através da avaliação de habilidades individuais em diversas tarefas, a sua aplicação está compreendida entre as idades, 3 e 7 anos (Albuquerque et al., 2001). É um dos instrumentos mais utilizados no âmbito da avaliação da inteligência na idade pré-escolar, devido às suas qualidades psicométricas (Albuquerque et al., 2001).

Este instrumento integra doze testes distribuídos uniformemente pelas duas subescalas, ou seja, na parte verbal englobam 6 provas, Informação, Compreensão, Aritmética, Vocabulário, Semelhanças e Frases Memorizadas (opcional, sendo que não foi utilizada para este estudo) (Albuquerque et al., 2001). Este avalia não só a memória verbal como também a capacidade de retenção de informação verbal imediata e de longo prazo, a compreensão, a

capacidade de formação de conceitos verbais e como também de os relacionar, pensamento associativo e racional, capacidade de síntese (Albuquerque et al., 2001).

### **3. Procedimento**

Esta recolha foi feita em colaboração com a equipa de psicólogos e investigadores do Centro da Criança e da Família do William James Center for Research do ISPA e com uma outra aluna do mestrado de psicologia e psicopatologia do desenvolvimento do ISPA, que em conjunto compõem o projeto de investigação original, CARE-Pro.

Inicialmente foram feitos os contactos às escolas, através de *email*, com uma explicitação da finalidade da investigação e com o pedido de colaboração nas recolhas de dados. Posteriormente foram realizadas reuniões para o esclarecimento de todas as dúvidas, que ambos os pais e os educadores levantaram. Neste seguimento foram entregues os consentimentos informados (Anexo A), pedindo a permissão dos pais. Neste consentimento informado, vão descritos todos os direitos que o participante tem, tal como a regulamentação da proteção de dados e o objetivo geral da tarefa, garantindo-se os códigos de ética da APA. Aquando da realização da tarefa, foi sempre pedido, a cada criança, o seu assentimento, caso a criança não consentisse ou em algum momento quisesse abandonar, era de imediato parada a atividade, bem como a sua gravação e em seguida eliminada. Esta participação foi voluntária e não remunerada.

As crianças foram avaliadas em três momentos distintos, sempre com um intervalo mínimo de uma semana, entre sessões. Foram concretizadas 3 sessões por cada participante, com uma média aproximada de 40 minutos por sessão. Com o início das recolhas presenciais, foi disponibilizada uma lista com o nome dos participantes em cada escola, para uma melhor organização das crianças que tinham a autorização dos pais para a sua participação neste estudo. A aplicação dos instrumentos em cada sessão, foram realizadas nas instalações das próprias instituições, em salas disponibilizadas pelas mesmas, de forma individual, respeitando os horários e rotinas das crianças e por membros previamente treinados.

Constituem a primeira sessão, as narrativas (ASCT) e as tarefas pró-sociais, na segunda sessão as capacidades verbais (WPPSI) e as tarefas pró-sociais e por fim na terceira sessão são realizadas tarefas pró-sociais.

No processo, as cinco narrativas foram gravadas em vídeo, resultando numa média de meia hora para o completamento da tarefa. A análise e cotação foi posteriormente executada por investigadores treinados para o efeito, não envolvidos na recolha de dados. Na aplicação das narrativas, começou-se por apresentar à criança as personagens e pedir para nomear os dois filhos e a vizinha. De seguida é dito à criança que “Vamos contar umas histórias com a nossa família. Eu começo a contar a história e depois tu continuas, pode ser?”. Depois do início da história contada pelo entrevistador, é então solicitado à criança que esta continue, referindo “Mostra-me e conta-me o que é que acontece a seguir”. De modo a estimular a participação da criança na atividade, é pedido que esta ajude a compor o cenário para a próxima história. Nas transições entre histórias, o entrevistador diz: “Podemos passar à próxima história?” ou “Tenho uma ideia para uma história diferente”. As entrevistas, bem como toda a sessão, são filmadas e posteriormente cotadas por investigadores independentes e sem qualquer tipo de informação sobre os participantes.

No que toca aos dados recolhidos da prova WPPSI foi apenas avaliado a parte do QI verbal e as provas aplicadas foram: a prova de Informação, a prova de Compreensão, a prova de Vocabulário, a prova de Aritmética e a prova de Semelhanças, por esta ordem respectivamente. Foram realizadas de forma individual com apenas o entrevistador e a criança frente a frente.

Relativamente às tarefas pró-sociais, foram aplicadas ao longo das três sessões. Como são 9 tarefas, 3 por cada dimensão (ajuda, partilha, conforto), foram distribuídas uma de cada dimensão por cada sessão. Eram sempre iniciadas com uma tarefa de ajuda, seguida de uma tarefa de conforto, e por fim, todas as sessões eram finalizadas com uma tarefa de partilha. Estas eram realizadas sem a criança se aperceber, de modo a evocar, o comportamento mais naturalmente possível, ou seja, o seu “primeiro instinto”.

Apesar deste estudo ter sido elaborado em três sessões com cada criança, foram realizadas, cada uma das tarefas, em apenas um único momento, neste sentido o delineamento desenvolvimental é transversal.

#### **4. Análise de Dados**

Todos dados obtidos, dos instrumentos nomeados acima foram introduzidos manualmente numa base Excel que posteriormente foram processados no software IBM SPSS Statistics versão 29.

Aquando da análise dos dados inicialmente, foi realizada uma análise descritiva para caracterizar a amostra, na qual foram observadas as médias, desvios-padrão e amplitude para variáveis contínuas, e frequências e percentagens para variáveis categóricas. Em seguida, foi verificada a fiabilidade de cada instrumento utilizado na amostra, através dos valores de alfa previamente especificados para cada um dos instrumentos.

Foi realizada uma análise descritiva dos instrumentos utilizados e uma exploração das correlações entre as variáveis sociodemográficas da amostra e as variáveis principais do estudo. Para examinar essas relações, utilizaram-se correlações de Pearson para variáveis numéricas e comparações de médias para variáveis categóricas, com o objetivo de identificar como as características sociodemográficas podem influenciar cada um dos construtos analisados.

De acordo com a literatura, é esperada uma relação entre as representações da vinculação e o comportamento pró-social, o que torna relevante medir a intensidade e a significância dessa relação, isto é, o quanto uma variável pode estar associada à outra e se essa relação é estatisticamente relevante (Costa et al., 2022; Deneault et al., 2023; Gross et al., 2017; Memmott-Elison et al., 2020; Shaver et al., 2016). Como ambas as variáveis são quantitativas, foram realizadas correlações de Pearson para analisar as associações, permitindo observar o grau e a direção (positiva ou negativa) das correlações entre as variáveis. O nível de significância usado nesta análise foi de  $p < .05$ .

### III. Resultados

#### 1. Estatísticas Descritivas das Variáveis de Investigação

##### *1.1 Vinculação*

Em relação às representações da vinculação, o instrumento utilizado para avaliar a qualidade da relação entre as crianças e os seus cuidadores indicou que, em média, as crianças demonstravam relações relativamente seguras. Em específico, as pontuações variaram de um mínimo de 1.5 a um máximo de 7.0 com uma média de 5.06 ( $M = 5.06$ ;  $DP = 1.40$ ). No entanto, ao considerar o desvio padrão, nota-se uma flutuação considerável entre os participantes, sugerindo que, a média geral indique uma representação de vinculação segura, contudo existe uma amplitude entre as representações da relações de vinculação das crianças, com os seus cuidadores.

É importante salientar que não foram identificadas diferenças adicionais nem correlações significativas em relação a esta variável. Não foram observadas associações relevantes entre as variáveis sociodemográficas e as representações da vinculação, o que indica que, neste estudo, os fatores sociodemográficos analisados aparentam não ter influenciado de forma significativa a qualidade das representações da vinculação entre as crianças e os seus cuidadores.

### **1.1.1 Associação entre as Representações da Vinculação e QI Verbal.**

Não foram observadas correlações estatisticamente significativas entre o QI verbal e as representações da vinculação. Este resultado sugere que os níveis de desempenho na competência verbal não demonstraram uma associação direta com a qualidade da relação entre as crianças e os seus cuidadores, nesta amostra. Dessa forma, a ausência de correlação entre o QI verbal e as representações da vinculação sugere que a capacidade de se expressar ou de compreender verbalmente não é um determinante essencial na qualidade das representações da vinculação.

### ***1.2 Comportamento Pró-social***

No que diz respeito às dimensões do comportamento pró-social, o instrumento utilizado obteve uma pontuação média para a ajuda, semelhante à da partilha, em contraste, a dimensão de conforto mostrou uma pontuação média mais baixa, conforme apresentado na tabela 1. Esses resultados sugerem que, entre as dimensões avaliadas, os comportamentos de ajuda e partilha são mais pronunciados, do que os de conforto, que apresenta uma expressão média inferior entre as crianças.

**Tabela 1***Média das Dimensões do Comportamento Pró-social*

	<b>Min.</b>	<b>Máx.</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>
<b>Ajuda</b>	1	6	4.82	1.62
<b>Partilha</b>	1	7	4.63	2.14
<b>Conforto</b>	1	5	2.38	1.09

### **1.2.1 Correlações Entre as Dimensões do Comportamento Pró-social.**

Os coeficientes de correlação entre as dimensões do comportamento pró-social (ajuda, partilha e conforto) mostram uma associação positiva e significativa entre si (tabela 2). A ajuda e a partilha apresentam uma correlação significativa, isso sugere que as crianças que tendem a ajudar também têm maior probabilidade de partilhar. No que refere à ajuda em relação ao conforto, estes resultados propõem que as crianças que ajudam também tendem a oferecer conforto aos outros. Quanto à partilha em relação ao conforto, também têm uma correlação significativa, o que indica que crianças com maior predisposição para partilhar também tendem a confortar outros.

Essas correlações indicam que as três dimensões do comportamento pró-social estão interligadas, destacando a consistência do comportamento pró-social entre elas.

**Tabela 2**

*Resultado das Correlações de Pearson Significativas Entre as Dimensões do Comportamento Pró-social*

	<b>Ajuda</b>	<b>Partilha</b>
<b>Ajuda</b>	-	
<b>Partilha</b>	.48**	-
<b>Conforto</b>	.50**	.50**

\*\* $p < .01$

### **1.2.2 Exploração Entre as Variáveis Sociodemográficas e o Comportamento Pró-social.**

Ao realizar a análise de correlação entre as dimensões do comportamento pró-social e as variáveis sociodemográficas contínuas, identificou-se uma relação estatisticamente significativa entre a dimensão de ajuda e a idade da criança. Especificamente, a correlação observada foi de ( $r = .38$ ;  $p < .05$ ). Este resultado sugere que, conforme o aumento da idade, há uma tendência positiva em direção aos comportamentos de ajuda, da criança.

É de salientar que não foram identificadas outras diferenças ou correlações significativas.

### **1.2.3 Associação entre as dimensões do Comportamento Pró-social e o QI Verbal.**

Na análise realizada entre o QI Verbal e o comportamento pró-social, foram observadas correlações estatisticamente significativas entre o QI Verbal duas das três dimensões, a partilha e o conforto, indicando uma relação positiva entre essas variáveis. Além disso, embora a correlação com a ajuda tenha sido positiva, não alcançou significância estatística.

Esses resultados sugerem que crianças com um QI Verbal mais elevado tendem a demonstrar maiores comportamentos de partilha e conforto nas suas interações sociais. A correlação significativa com a partilha indica que a capacidade verbal pode facilitar aquando a expressão de comportamentos e atitudes mais generosas. Da mesma forma, a correlação positiva com o conforto sugere que com uma maior competência verbal pode estar associada ao facto da criança ter uma maior capacidade de oferecer apoio e conforto a outros.

**Tabela 3**

*Resultado das Correlações Entre as Dimensões do Comportamento Pró-social e o QI Verbal*

	<b>QI Verbal</b>
<b>Ajuda</b>	.21
<b>Partilha</b>	.36**
<b>Conforto</b>	.25*

\* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$

Em conclusão, os resultados obtidos sugerem que crianças com maior competência verbal tendem a exibir comportamentos sociais mais positivos, especialmente no que diz respeito à partilha e ao conforto. Essas correlações podem se traduzir o quão cruciais e facilitadoras são a comunicação e a expressão verbal nas interações sociais das crianças.

### **1.3 QI Verbal**

No que refere, à competência verbal, o instrumento utilizado para avaliar a mesma, apresentou, com um valor mínimo de 48 e um valor máximo de 135 a média foi de ( $M = 98.58$ ;  $DP = 18.13$ ). O desvio padrão pode indicar uma dispersão considerável em torno da média, sugerindo variações substanciais relativamente à competência verbal entre os participantes. Isso reflete que, embora a média geral se situe em um nível próximo ao esperado para a amostra, existem alguns participantes a pontuar significativamente acima ou abaixo da média.

É importante realçar que não foram identificadas mais diferenças ou correlações significativas.

## **2. Associação entre as Representações da Vinculação e Comportamento Pró-social**

Inicialmente, calculamos as correlações de Pearson para verificar se existia uma associação significativa entre as representações da vinculação e as respectivas dimensões do comportamento pró-social nas crianças. As diferenças entre as dimensões do comportamento pró-social (ajuda, partilha e conforto) e as representações da vinculação tornam-se mais evidentes ao observarmos as correlações entre elas. Contrariamente ao esperado, as dimensões do comportamento pró-social e as representações da vinculação não mostraram correlações positivas nem estatisticamente significativas entre si.

Os resultados indicam que, para esta amostra e neste contexto específico, não foi possível evidenciar uma relação direta entre as representações da vinculação das crianças e a quantidade e qualidade dos comportamentos pró-sociais. A relação com as representações da vinculação não foi suficientemente forte ou consistente para ser considerada estatisticamente significativa. Isso indica que, para esta amostra, os comportamentos de ajuda, partilha e conforto são relativamente independentes da vinculação.

A variável de competência verbal foi utilizada para controlar o discurso das crianças, permitindo distinguir aquelas que poderiam ser muito bons contadores de histórias ou serem muito elaborados e criativos. Ao controlar essa variável, conseguimos observar com mais precisão as suas narrativas. No entanto, mesmo com esse controlo feito através da WPPSI, não foi encontrada correlação significativa.

**Tabela 4**

*Resultado das Correlações Entre as Representações da Vinculação e as Dimensões do Comportamento Pró-social*

	<b>Vinculação</b>
<b>Ajuda</b>	.064
<b>Partilha</b>	-.001
<b>Conforto</b>	-.203

*\*p < .05; \*\*p < .01*

#### IV. Discussão

O objetivo central deste estudo foi investigar o papel das representações de vinculação no desenvolvimento do comportamento pró-social em crianças em idade pré-escolar, com especial atenção às diferentes dimensões que compõem esse comportamento, nomeadamente a ajuda, a partilha e o conforto. Com esse intuito, procurou-se compreender de que forma a qualidade da vinculação pode estar associada às interações sociais e os comportamentos pró-sociais das crianças, considerando que essas primeiras experiências relacionais desempenham um papel significativo no desenvolvimento socioemocional, das mesmas.

Inicialmente, procedeu-se a uma análise detalhada de cada variável de forma individual, com o intuito de identificar as características particulares de cada dimensão do comportamento pró-social e a sua potencial relação com as representações de vinculação. Esse enfoque permitiu observar as diferenças específicas de como a ajuda, a partilha e o conforto se manifestam no contexto das relações interpessoais das crianças.

Nesta discussão, irão ser analisados os principais resultados deste estudo, com base na amostra recolhida. A interpretação dos resultados é feita à luz da literatura, explorando tanto as correlações observadas quanto a ausência de associações significativas entre algumas variáveis.

## **Vinculação e o QI verbal**

Em relação à ausência de uma correlação significativa entre as representações da vinculação e o QI verbal, neste estudo, pode estar relacionada ao impacto da pandemia na fase inicial de desenvolvimento das crianças participantes. Atualmente crianças com 5 e 6 anos, na altura da pandemia em 2020 essas crianças teriam entre 1 e 2 anos, uma fase crucial para o desenvolvimento das suas capacidades linguísticas e sociais. Neste período, a interação com cuidadores e outras crianças é fundamental para a aquisição dessas competências.

Os efeitos da pandemia no desenvolvimento infantil têm sido amplamente estudados, embora as conclusões permaneçam complexas e por vezes contraditórias. Por exemplo, Byrne e colaboradores (2023) observaram que crianças nascidas durante a pandemia tinham menor probabilidade de alcançar marcos de desenvolvimento como acenar, apontar ou pronunciar palavras com significado, até ao primeiro ano de vida. Por outro lado Sperber e autores (2022) não identificaram diferenças significativas no desenvolvimento de linguagem e socioemocional em crianças 12 aos 24 meses. Estes resultados sugerem que a pandemia pode ter influenciado o desenvolvimento infantil, a nível linguístico e social, mas ainda não é claro até que ponto.

Uma questão em particular é a da influência da utilização máscaras faciais dos cuidadores relativamente ao desenvolvimento do vocabulário. Embora haja indícios de que o uso de máscaras possa ter tido algum impacto, como sugere um estudo de Morag em conjunto com outros autores (2022), verificou que em crianças que conviviam mais com adultos que estava de máscara, estas apresentavam um vocabulário expressivo, esta conclusão justificaria as dificuldades evidentes na compreensão verbal e no vocabulário.

No entanto, ainda são necessários mais estudos para tirar conclusões sobre este tema. Outros autores, como Vergara e outros autores (2022), reforçam que a falta de exposição às expressões faciais e sinais verbais pode comprometer a capacidade da criança em reconhecer emoções e desenvolver capacidades socioemocionais, afetando a interação com outros, nomeadamente, entre os seus pares e adultos.

Portanto, é possível que as condições ambientais impostas pela pandemia tenham influenciado o desenvolvimento linguístico das crianças (Ashton, 2013; Rodriguez-Monge et al., 2023). Dessa forma, a ausência de correlação observada entre as representações da vinculação e QI verbal pode refletir não apenas fatores individuais, mas também as especificidades do contexto pandémico, que foi vivido.

## **Vinculação e Comportamento pró-social**

Relativamente às variáveis da Vinculação e do Comportamento Pró-social, os resultados deste estudo, não evidenciaram correlações significativas entre si. Esta conclusão contraria parte da literatura, que associa uma vinculação segura a uma maior prosocialidade e expressão de comportamentos mais pró-sociais. Esta associação deve-se, como mencionado no enquadramento deste estudo, ao facto de promover uma base emocional segura e um modelo interno positivo para interações sociais (Thompson, 2016). Deste modo, este resultado é reflexo das várias influências que existem sobre o comportamento pró-social, que é moldado por outros fatores, como por exemplo o contexto social (Gross & Stern, 2017), as interações com pares, e práticas parentais específicas que incentivam diretamente esses comportamentos mais pró-sociais. À semelhança do comportamento pró-social, a vinculação é uma teoria e um conceito complexo que envolve múltiplos fatores.

A ausência de uma correlação pode ser interpretada de maneiras diversas. Uma possível explicação é que as dimensões específicas do comportamento pró-social, podem-se desenvolver a partir de uma combinação de fatores que incluem não apenas a qualidade da vinculação com os seus cuidadores, mas também experiências de socialização (Eisenberg et al., 2015). Estudos sugerem que o comportamento pró-social pode ser amplamente influenciado por fatores externos para além do relacionamento primário com os cuidadores, como as interações com os pares e as normas sociais (Carlo et al., 2014; Gross e Stern, 2017).

Além dos pares, as normas sociais também podem desempenhar um papel essencial no desenvolvimento da prosocialidade nas crianças (Gross & Stern, 2017). De acordo com a literatura, as normas sociais em cada cultura, influenciam o que é considerado um comportamento aceitável ou desejável, moldando o comportamento pró-social das crianças (Carlo et al. 2014; Eisenberg, et al., 1983; House, 2018). Hay & Cook (2007) afirmam que o comportamento pró-social se intensifica conforme o contato com diferentes contextos sociais, especialmente na interação com os pares. Através de observação e interação, as crianças aprendem que comportamentos pró-sociais são valorizados socialmente, são objecto de aprovação social e por norma são geradores de interações positivas, reforçando os mesmos (Spinrad & Eisenberg, 2017). As experiências sociais em contextos de pares oferecem às crianças oportunidades práticas de experimentar reciprocidade e negociar conflitos. Essas interações aumentam as experiências emocionais das crianças o que lhes permite trabalhar na

resolução de problemas e na empatia, aspectos fundamentais para a prosocialidade (Eisenberg, 2005).

Além disso, a faixa etária considerada pode influenciar a manifestação desses comportamentos de forma relativamente independente das representações de vinculação. Como foi descrito anteriormente neste estudo, é possível observar uma relação entre uma dimensão do comportamento pró-social, mais especificamente a ajuda, com o aumento da idade, o que vem apoiar esta ideia de que pode ser um possível fator a ter em conta (Beier et al., 2018; Eisenberg, et al., 1983). Em similiaridade, Eisenberg e colaboradores (2005) exploram como o comportamento pró-social se desenvolve com a idade e mostram com o avançar da mesma, existe uma tendência para demonstrarem comportamentos como a ajuda e a empatia de forma mais frequente e consistente. Isto ocorre porque, com o passar dos anos, estas ganham maior capacidade de entender as emoções dos outros e regulá-las, o que contribui para comportamentos pró-sociais (Eisenberg et al., 2005; Spinrad & Eisenberg, 2017). Apesar de ter sido com uma faixa etária diferente os resultados foram ao encontro desta ideia, uma possível explicação para os resultados deste estudo.

Isso sugere que, à medida que as crianças envelhecem, a influência dos pares e das normas sociais pode desempenhar um papel relevante (Carlo et al., 2014; Eisenberg et al., 2005; Eisenberg, et al., 1983; House, 2018; Rubin et al., 2006). Esses estudos destacam que, embora a vinculação com cuidadores forneça a base inicial para o comportamento pró-social, as interações e normas sociais externas à família, progressivamente vão ganhando relevância à medida que a criança se envolve em novos contextos e experiências sociais (Eisenberg, et al., 1983; House, 2018; Rubin et al., 2006). Assim, a qualidade da vinculação pode ajudar a garantir uma base emocional segura para a criança, mas isso não implica necessariamente um aumento direto em atitudes pró-sociais de forma singular, isto é, outras experiências sociais influenciem esse desenvolvimento.

### **Comportamento pró-social e as suas Dimensões**

Relativamente aos resultados do comportamento pró-social, estes apontam para correlações positivas e significativas entre as dimensões que sugerem que os comportamentos pró-sociais em crianças tendem a manifestar-se de forma interligada e consistente. Isto implica que crianças que demonstram uma tendência para ajudar são igualmente propensas a partilhar e oferecer conforto, indicando uma base comum para os comportamentos pró-sociais.

Essa interconexão é consistente com a literatura que associa o desenvolvimento de diferentes facetas do comportamento pró-social. Estudos anteriores apoiam que essas dimensões do comportamento pró-social estão inter-relacionadas e reforçam-se mutuamente, especialmente na infância, num período em que as crianças desenvolvem as suas competências sociais, como por exemplo, a compreensão das necessidades dos outros (Eisenberg et al., 2015). Essa interligação pode ser essencial para fortalecer as bases do comportamento pró-social, potenciando a prosocialidade nas crianças em diversos contextos, desde o ambiente familiar até a escola, o que promove relações saudáveis e o desenvolvimento social positivo.

Portanto, os resultados deste estudo oferecem um panorama sobre como as diferentes formas de comportamento pró-social se manifestam e interagem (Hay & Cook, 2007; Girard et al., 2017).

### **Comportamento pró-social e os Dados Sociodemográficos**

Os resultados neste tópico, demonstraram uma correlação significativa entre a idade e a dimensão da ajuda do comportamento pró-social, indicando que, à medida que as crianças crescem, há uma tendência para que se tornem mais predispostas a ajudar. Neste sentido, este resultado sugere que com aumento das capacidades cognitivas e emocionais, características que se desenvolvem progressivamente durante a infância, as crianças podem expressar mais comportamentos de ajuda (Elhousseini et al., 2023; Rebelo et al., 2013). A literatura aponta que crianças mais velhas tendem a ter maior competência social, o que pode facilitar o envolvimento nos comportamentos de ajuda. Por outro lado, a ausência de correlações significativas entre a partilha e o conforto, pode sugerir que essas dimensões em específico, podem estar menos dependentes da idade ou de fatores sociodemográficos. Assim, embora a ajuda esteja positivamente associada ao aumento da idade, o desenvolvimento de outros comportamentos pró-sociais pode ser mais influenciado por fatores contextuais e individuais, reforçando a complexidade e multidimensionalidade do comportamento pró-social em crianças (Beier et al., 2018; Gross & Stern, 2017).

### **Comportamento pró-social e o QI verbal**

Primeiramente, a correlação positiva e significativa entre o QI Verbal e as dimensões de partilha e conforto sugere que uma capacidade verbal mais desenvolvida pode facilitar os comportamentos pró-sociais. Crianças com uma maior competência verbal, segundo os resultados desta amostra, sugerem que são mais propensas a ter comportamentos de partilhar e

de conforto. Provavelmente, devido à capacidade aumentada de comunicação e entendimento das necessidades emocionais dos outros, estas crianças têm a capacidade de expressar palavras mais reconfortantes do que uma criança com uma menor competência verbal, (Conte et al., 2018). Estes resultados reforçam a literatura que sugere que a linguagem e o desenvolvimento verbal desempenham um papel importante na mediação de interações sociais positivas, auxiliando na construção de relações sociais de apoio e reciprocidade (Eisenberg et al., 2006; Garcia, 2017; Girard et al., 2017). Crianças que apresentam maior habilidade em compreender e expressar linguagem tendem a exibir níveis mais altos de prosocialidade (Conte et al. 2018; Girard et al., 2017).

Estes resultados foram concordantes com Conte e colaboradores (2018) que constataram que crianças com capacidades linguísticas mais desenvolvidas eram mais propensas a partilhar com os colegas, sugerindo que a capacidade de compreender facilita a disposição para o comportamento pró-social.

Por outro lado, a ausência de uma correlação significativa entre o QI Verbal e a dimensão de ajuda sugere que essa dimensão específica do comportamento pró-social pode não depender diretamente da capacidade verbal. Ajudar alguém pode envolver respostas espontâneas e baseadas em empatia, que podem ser mais influenciadas por fatores emocionais do que pelas capacidades verbais (Conte et al. 2018). Nesse sentido, os resultados são consistentes com a literatura que identifica a ajuda como um comportamento que pode emergir mais naturalmente do que outras formas de prosocialidade (Grusec et al., 2011). Esta diferença reforça esta ideia que o comportamento pró-social é multifacetado e multidimensionalidade, isto é que nem todas as suas dimensões estão necessariamente relacionadas da mesma forma com outras variáveis.

### **Discussão das Hipóteses**

Os resultados obtidos nesta investigação não validaram as hipóteses formuladas inicialmente. Esperava-se que as representações de vinculação das crianças se correlacionassem positivamente com as dimensões do comportamento pró-social, como ajuda, partilha e conforto. No entanto, os dados revelaram que não houve associações estatisticamente significativas entre essas variáveis, sugerindo que, neste contexto específico e com esta amostra, a associação entre as representações da vinculação não é tão proporcional no desenvolvimento dos comportamentos pró-sociais quanto o previsto.

Estes resultados não vão ao encontro de algumas perspectivas teóricas (Shaver & Mikulincer, 2012) que vinculam estas duas variáveis diretamente, o que levanta a possibilidade de que outros fatores, possam ter alguma influência, nesta amostra.

A falta de consenso sobre a relação entre a vinculação e o comportamento pró-social é abordada por Costa e colaboradores (2022) na sua revisão sistemática, que explora como a qualidade da vinculação afeta o desenvolvimento pró-social em crianças e adolescentes. O estudo indica que a literatura (Beier et al., 2019; Shaver et al., 2016) apresenta resultados variados, enquanto algumas pesquisas mostram que estilos de vinculação seguro se associam a uma maior expressão de comportamentos pró-sociais, outras não identificam essa relação de forma consistente. Bureau & Moss (2010) observaram que não houve diferenças significativas nos níveis de comportamento pró-social entre crianças com diferentes estilos de vinculação, em concordância estes resultados sustentam essa conclusão.

Um possível fator que pode ter influenciado os resultados foi o volume de provas aplicadas diariamente. Devido a diversas variáveis, como a distância dos locais, a disponibilidade das escolas, os horários tanto das instituições quanto das crianças, e o tempo que tínhamos para realizar as provas, de modo todos estes tópicos fossem respeitados, tentávamos maximizar o número de provas aplicadas diariamente. Houve uma alta adesão das escolas ao estudo, com muitas crianças participantes em cada uma delas, o que se traduziu numa amostra significativa para este tipo de medidas. Esse fator, por um lado, foi extremamente positivo, pois aumentou a representatividade dos dados, mas também tornou o acompanhamento consistente mais desafiador.

O ritmo intenso das aplicações pode ter introduzido um elemento de cansaço nos entrevistadores, potencialmente mais influente nos resultados do que a aplicação dos mesmos. Como referido na metodologia desta dissertação, existiu um treino prévio aos aplicadores. Contudo, observou-se uma tendência de resultados menos consistentes e possivelmente afetados pelo cansaço mais no fim das recolhas da amostra do que no início, o que sugere que a variável cansaço pode ter sido mais relevante do que o fator treino/experiência na aplicação dos instrumentos. Assim, consideramos que este pode ter sido um fator influente na contribuição para as variações nos resultados.

Em suma, é possível que vários fatores tenham contribuído para estes resultados, diferentes dos esperados.

## **Limitações e Estudos Futuros**

Apesar dos cuidados metodológicos adotados, este estudo apresenta algumas limitações. Estas devem ser consideradas na interpretação dos dados e em possíveis melhorias para estudos futuros. Uma das principais limitações deste estudo foi a relativa homogeneidade da amostra, composta predominantemente por crianças caucasianas, com pais de formação avançada e um padrão de vinculação, na sua grande maioria, seguro. Embora os dados tenham sido recolhidos numa área mais alargada à zona central de Lisboa, foram obtidos através de uma amostragem por conveniência, recrutando participantes de escolas que já faziam parte da rede de contactos da equipa de investigação. Consequentemente, esta amostra não representa a generalidade das famílias portuguesas, resultando numa validade externa bastante reduzida. A possibilidade de generalizar os resultados para populações com diferentes características fica suprimida. Em estudos futuros, para uma generalização mais consistente dos resultados, é essencial procurar uma amostra mais diversificada com diferentes contextos culturais e socioeconómicos.

Uma outra limitação, diz respeito ao delineamento transversal, o que restringe a possibilidade de estabelecer direções claras nas associações observadas entre as variáveis e impede a inferência de relações causais. Para colmatar esta limitação, seria relevante implementar um estudo longitudinal que permitisse analisar a direção dos efeitos entre as representações da vinculação e o comportamento pró-social em diferentes momentos, observando como essas variáveis se influenciariam ao longo do desenvolvimento.

De modo a inferir se os resultados foram afetados pelo contexto pandémico, conforme debatido anteriormente, seria interessante conduzir um estudo com crianças na mesma faixa etária (5 a 6 anos), mas nascidas após a pandemia para comparar resultados e compreender se de facto pode ter sido, um fator limitador.

Este estudo também aponta para a complexidade da relação entre vinculação e comportamento pró-social, neste sentido, seria interessante que em estudos futuros alargassem a investigação a outros mediadores, que podem oferecer uma compreensão mais abrangente dos fatores que influenciam o comportamento pró-social no desenvolvimento. Crianças que se autorregulam melhor tendem a demonstrar mais comportamentos pró-sociais, uma vez que conseguem compreender e responder apropriadamente às necessidades e emoções dos outros (Spinrad & Eisenberg, 2017). Para futuras pesquisas, seria relevante investigar mais a fundo a relação entre a vinculação e o comportamento pró-social com a mediação da regulação

emocional (Lockwood et al., 2014). Como mencionado anteriormente, a capacidade de autoregulação permite às crianças compreenderem e reagirem de forma mais adequada às necessidades dos outros (Spinrad & Eisenberg, 2017). Os estudos de Elhousseini e autores (2023), Li e colaboradores (2021) e Lockwood e autores (2014), são estudos que vão ao encontro desta hipótese, contudo são todos realizados com indivíduos com idades superiores ao pré-escolar.

Assim, sugere-se que pesquisas futuras investiguem o efeito de mediação por meio de observações diretas ou medidas fisiológicas. Aliás, durante a recolha de dados, foi possível observar que em algumas crianças, que ao verem as situações das tarefas pró-sociais, estas compreendiam e demonstravam uma intenção de agir, mas não concretizaram essa ação. Apesar de nunca expormos as crianças a *stress*, podem ter existido reações fisiológicas por mais pequenas que fossem, por isso poderia ser pertinente ter em conta esse fator, pois pode ser um elemento que influencia as respostas comportamentais.

Como referido anteriormente, a elaboração de um estudo longitudinal seria ideal para examinar como estas competências se desenvolvem ao longo do tempo e como experiências sociais específicas, com as interações com os pares e normais sociais, podem contribuir para a prosocialidade. Conforme o que era esperado, à medida que a criança vai crescendo, vai desenvolvendo mais competências que lhe permitem interagir com os outros, e consequentemente, são também percebidas como mais competentes socialmente (Torres et al., 2014).

Numa perspetiva complementar à deste estudo, também seria interessante observar o papel dos pares nesta investigação, se as crianças teriam mais comportamentos pró-sociais com outras crianças da mesma idade, do que com os adultos.

Todas estas abordagens ajudariam a criar uma base de conhecimento mais sólida sobre o desenvolvimento emocional e social das crianças, promovendo práticas educacionais e de intervenção mais eficazes. Apesar de todas as limitações, este estudo representa um avanço na compreensão destas duas variáveis, e das dimensões de uma das mesmas. Neste sentido, estes resultados também podem propor algumas sugestões práticas para a intervenção.

Relativamente ao tópico da componente prática, sugere-se que futuramente dever-se-á investir em intervenções precoces, como por exemplo, programas que incentivem a socialização, isto é, intervenções que incluam atividades de grupo, como jogos ou atividades

que envolvam a partilha, a ajuda, a cooperação, resolução de conflitos e o trabalho em equipa, entre outros. Essas atividades incentivam competências que promovem os comportamentos pró-sociais, visto que existe uma correlação positiva entre as dimensões do mesmo, como foi possível observar nos resultados, se as crianças foram incentivadas a partilhar e a ajudar, serão mais propensas a confortar quando necessário.

Embora, neste estudo não tenha sido possível verificar uma correlação significativa entre as representações da vinculação e o comportamento pró-social, de acordo com o modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979), supondo que essas duas variáveis não se operacionalizam diretamente, vão sempre impactar a criança. Por esta razão, é necessário a continuação da capacitação tanto dos cuidadores como dos educadores. Investir em intervenções que visem a formação dos adultos que estão mais diretamente com a criança, de maneira a promover um ambiente óptimo ao seu desenvolvimento emocional, que por consequência pode ter impacto direto na capacidade das crianças de formar relações pró-sociais. Educar os adultos sobre como ser indivíduos mais pró-sociais e incentivar essas práticas no seu quotidiano pode ajudar as crianças a aprender e internalizar esses comportamentos.

Estas práticas podem não apenas potencializar o comportamento pró-social, mas também preparar as crianças para interações sociais mais saudáveis, harmoniosas e inclusivas, criando uma base mais forte para o desenvolvimento das suas capacidades interpessoais ao longo da vida.

## V. Referências

- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American psychologist*, 44(4), 709.
- Ainsworth, M. S. (1979). Infant–mother attachment. *American Psychologist*, 34(10), 932–937. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.34.10.932>
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum. <https://doi.org/10.4324/9780203758045>
- Albuquerque, C. P., Lança, C., & Santos, M. J. S. (2001). Análise do desempenho de crianças em risco ambiental na WPPSI-R (Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence-Revised). *Revista galego-portuguesa de psicología e educación: revista de estudios e investigación en psicología y educación*, (7), 193-202.
- Asher, S. R., & McDonald, K. L. (2009). The behavioral basis of acceptance, rejection, and perceived popularity. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 232–248). The Guilford Press.
- Ashton, J. (2013). J. Fellowes and G. Oakley, Language, Literacy and Early Childhood Education. *Journal of Early Childhood Literacy*, 13(1), 131-137. <https://doi.org/10.1177/1468798412458485>
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child’s tie to his mother. *International Journal of PsychoAnalysis*, 39(5), 350-373.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss: Vol. 1. Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. Basic Books.

- Beier, J. S., Gross, J. T., Brett, B. E., Stern, J. A., Martin, D. R., & Cassidy, J. (2018). Helping, Sharing, and Comforting in Young Children: Links to Individual Differences in Attachment. *Child Development*, 90(2), e273-e289.  
<https://doi.org/10.1111/cdev.13100>
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28(5), 759-775.  
<https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.5.759>
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2008). Internal working models in attachment relationships: Elaborating a central construct in attachment theory. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 102–127). The Guilford Press.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship. *Attachment in the preschool years: Theory, research, and intervention*, 273, 308.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bureau, J. F., & Moss, E. (2010). Behavioural precursors of attachment representations in middle childhood and links with child social adaptation. *British Journal of Developmental Psychology*, 28(3), 657-677.  
<https://doi.org/10.1348/026151009X468062>
- Byrne, S., Sledge, H., Franklin, R., Boland, F., Murray, D. M., & Hourihane, J. (2023). Social communication skill attainment in babies born during the COVID-19 pandemic: a birth cohort study. *Archives of disease in childhood*, 108(1), 20-24.  
<https://doi.org/10.1136/archdischild-2021-323441>
- Carlo, G., Mestre, M. V., Samper, P., Tur, A., & Armenta, B. E. (2014). The longitudinal relations among dimensions of prosocial behaviors, sympathy, prosocial moral reasoning, and social justice values in adolescents. *Social Development*, 23(4), 717–732. <https://doi.org/10.1177/0165025410375921>

- Conte, E., Grazzani, I., & Pepe, A. (2018). Social cognition, language, and prosocial behaviors: A multitrait mixed-methods study in early childhood. *Early Education and Development, 29*(6), 814-830. <https://doi.org/10.1080/10409289.2018.1475820>
- Coplan, R. J., & Arbeau, K. A. (2009). Peer interactions and play in early childhood. *Handbook of peer interactions, relationships, and groups, 143161*.
- Costa, M., Santos, C., Fernandes, M., & Veríssimo, M. (2022). Attachment and the Development of Prosocial Behavior in Children and Adolescents: A Systematic Review. *Children, 9*(6), 874. <https://doi.org/10.3390/children9060874>
- Decety, J., Meidenbauer, K. L., & Cowell, J. M. (2018). The development of cognitive empathy and concern in preschool children: A behavioral neuroscience investigation. *Developmental science, 21*(3), 1-12. <https://doi.org/10.1111/desc.12570>
- Deneault, A. A., Hammond, S. I., & Madigan, S. (2023). A meta-analysis of child–parent attachment in early childhood and prosociality. *Developmental Psychology, 59*(2), 236. <https://doi.org/10.1037/dev0001484>
- Dunfield, K. A. (2014). A construct divided: Prosocial behavior as helping, sharing, and comforting subtypes. *Frontiers in Psychology, 5* 958. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00958>
- Dunfield, K. A., Kuhlmeier, V. A. (2013). Classifying prosocial behavior: Children’s responses to instrumental need, emotional distress, and material desire. *Child Development, 84* (5), 1766-1776. <https://doi.org/10.1111/cdev.2013.84.issue-5>
- Eceiza, A., Ortiz, M. J., & Apodaca, P. (2011). Attachment and affiliation: Attachment security and peer relationships in infancy. *Journal for the Study of Education and Development, 34*(2), 235-246. <https://doi.org/10.1174/021037011795377610>
- Eisenberg, N. (2005). The development of empathy-related responding. *The Annual Review of Psychology, 56*, 517-546.
- Eisenberg, N., Cumberland, A., Guthrie, I. K., Murphy, B. C., & Shepard, S. A. (2005). Age Changes in Prosocial Responding and Moral Reasoning in Adolescence and Early Adulthood. *Journal of Research on Adolescence, 15*(3), 235–260. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2005.00095.x>

- Eisenberg, N. E., Damon, W. E., & Lerner, R. M. (2006). *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development, Vol. 3*. John Wiley & Sons, Inc..
- Eisenberg, N., Lennon, R., & Roth, K. (1983). Prosocial development: A longitudinal study. *Developmental Psychology, 19*(6), 846–855. doi:10.1037//0012-1649.27.5.849
- Eisenberg, N., & Spinrad, T. L. (2014). *Handbook of Moral Development* (2nd ed.). Psychology Press.
- Eisenberg, N., Spinrad, T. L., & Knafo-Noam, A. (2015). Prosocial development. In M. E. Lamb & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology and developmental science: Socioemotional processes* (pp. 610–656). John Wiley & Sons, Inc..  
<https://doi.org/10.1002/9781118963418.childpsy315>
- Eisenberg, N., Wolchik, S. A., Goldberg, L., & Engel, I. (1992). Parental values, reinforcement, and young children's prosocial behavior: A longitudinal study. *The Journal of Genetic Psychology, 153*(1), 19-36.  
<https://doi.org/10.1080/00221325.1992.1075369>
- Elhousseini, S., Rawn, K., El-Sheikh, M., & Keller, P. S. (2023). Attachment and prosocial behavior in middle childhood: The role of emotion regulation. *Journal of Experimental Child Psychology, 225*, 105534. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2022.105534>
- Fernandes, C., Veríssimo, M., Fernandes, M., Antunes, M., Santos, A., & Vaughn, B. E. (2019). Links between use of the secure base script and preschool children's knowledge about emotions. *Análise Psicológica, 37*(1), 71-80.  
<https://doi.org/10.14417/ap.1569>
- Fernandes, M. S. O. (2020). Attachment representations and social competence in preschool children. (Doctoral dissertation, Instituto Superior de Psicologia Aplicada (Portugal)).
- Forslund T., Granqvist P., van IJzendoorn M. H., Sagi-Schwartz A., Glaser D., Steele M., Hammarlund M., Schuengel C., Bakermans-Kranenburg M. J., Steele H., Shaver P. R., Lux U., Simmonds J., Jacobvitz D., Groh A. M., Bernard K., Cyr C., Hazen N. L., Foster S., Psouni E., Cowan P. A., Cowan C. P. , Rifkin-Graboi A., Wilkins D., Pierrehumbert B., Tarabulsky G. M., Carcamo R. A., Wang Z., Liang X., Kazmierczak

- M., Pawlicka P., Ayiro L., Chansa T., Sichimba F., Mooya H., McLean L., Verissimo M., Gojman-de-Millán S., Moretti M. M., Bacro F., Peltola M. J., Galbally M., Kondo-Ikemura K., Behrens K.Y., Scott S., Rodriguez A. F., Spencer R., Posada G., Cassibba R., Barrantes-Vidal N., Palacios J., Barone L., Madigan S., Jones-Mason K., Reijman S., Juffer F., Fearon R. P., Bernier A., Cicchetti D., Roisman G. I., Cassidy J., Kindler H., Zimmermann P., Feldman R., Spangler G., Zeanah C. H., Dozier M., Belsky J., Lamb M. & Duschinsky, R. (2022). Attachment goes to court: Child protection and custody issues. *Attachment & Human Development*, 24(1), 1-52. <https://doi.org/10.1080/14616734.2020.1840762>
- Garcia, F. M. (2017). Vinculação e modelos internos dinâmicos: Da representação sensorio-motora à representação simbólica. <http://hdl.handle.net/10400.12/5766>
- Girard, L. C., Pingault, J. B., Doyle, O., Falissard, B., & Tremblay, R. E. (2016). Developmental associations between conduct problems and expressive language in early childhood: A population-based study. *Journal of abnormal child psychology*, 44, 1033-1043.
- Groh, A. M., Fearon, R. P., Bakermans-Kranenburg, M. J., van IJzendoorn, M. H., Steele, R. D., & Roisman, G. I. (2014). The significance of attachment security for children's social competence with peers: a meta-analytic study. *Attachment & Human Development*, 16(2), 103–136. <https://doi.org/10.1080/14616734.2014.883636>
- Gross, J. T., Stern, J. A., Brett, B. E., & Cassidy, J. (2017). The multifaceted nature of prosocial behavior in children: Links with attachment theory and research. *Social development*, 26(4), 661-678. <https://doi.org/10.1111/sode.12242>
- Grusec, J. E., Hastings, P. D., & Almas, A. (2011). Helping and prosocial behavior. *Handbook of childhood social development*, 2, 549-566.
- Hay, D. F., & Cook, K. V. (2007). The transformation of prosocial behavior from infancy to childhood. In C. A. Brownell & C. B. Kopp (Eds.), *Socioemotional development in the toddler years: Transitions and transformations* (pp. 100-131). Guilford Press.
- House, B. R. (2018). How do social norms influence prosocial development? *Current Opinion in Psychology*, 20, 87-91. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.08.011>

- Kim, S., & Kochanska, G. (2017). Relational antecedents and social implications of the emotion of empathy: Evidence from three studies. *Emotion*, 17(6), 981–992. <https://doi.org/10.1037/emo0000297>
- Li, J., Yao, M., & Liu, H. (2021). From social support to adolescents' subjective well-being: The mediating role of emotion regulation and prosocial behavior and gender difference. *Child Indicators Research*, 14(1), 77-93. <https://doi.org/10.1007/s12187-020-09755-3>
- Lockwood, P. L., Seara-Cardoso, A., & Viding, E. (2014). Emotion regulation moderates the association between empathy and prosocial behavior. *PloS one*, 9(5), e96555. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0096555>
- Miljkovitch, R., Pierrehumbert, B., Bretherton, I., & Halfon, O. (2004). Associations between parental and child attachment representations. *Attachment & Human Development*, 6(3), 305-325. <https://doi.org/10.1080/14616730412331281557>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. Guilford Press.
- Memmott-Elison, M. K., Holmgren, H. G., Padilla-Walker, L. M., & Hawkins, A. J. (2020). Associations between prosocial behavior, externalizing behaviors, and internalizing symptoms during adolescence: A meta-analysis. *Journal of adolescence*, 80, 98-114. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2020.01.012>
- Morag, I., Berezin, A., Zivan, M., & Horowitz-Kraus, T. (2022). Children exposed to masked adults in the first year of life demonstrated lower expressive vocabulary. *Acta Paediatrica*, 111(11), 2176-2177. <https://doi.org/10.1111/apa.16505>
- Naar-King, S., Ellis, D. A., Frey, M. A., & Ondersma, M. L. (2003). *Assessing children's well-being: A handbook of measures*. Routledge.
- Oppenheim, D., & Waters, H. S. (1995). Narrative processes and attachment representations: Issues of development and assessment. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 197-215. <https://doi.org/10.2307/1166179>

- Paulus, M., Licata, M., Kristen, S., Thoermer, C., Woodward, A., & Sodian, B. (2015). Social understanding and self-regulation predict pre-schoolers' sharing with friends and disliked peers: A longitudinal study. *International Journal of Behavioral Development, 39*(1), 53-64.
- Paulus M. (2018). The multidimensional nature of early prosocial behavior: a motivational perspective. *Current Opinion Psychology*.  
<https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.09.003>
- Rebelo, A., Verissimo, M., Maló-Machado, P., & Silva, F. (2013). A segurança dos modelos internos e o conhecimento emocional nas crianças de idade pré-escolar. *Psicologia, 26*(3), 591–598. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722013000300019>
- Rodriguez-Monge, M., Isabela, I. P., & Chiappelli, F. (2023). CoViD-19 effects on social-emotional development: impact of early intervention. *Bioinformation, 19*(9), 889–892. <https://doi.org/10.6026/97320630019889>
- Rubin, K. H., Bukowski, W. M., & Parker, J. G. (2006). Peer interactions, relationships, and groups. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology* (6th ed., Vol. 3, pp. 571-645). John Wiley & Sons.
- Salerni & Caprin, (2022). Prosocial behavior in preschoolers: effects of early socialization experiences with peers. *Frontiers in psychology, 13*, 840080.  
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.840080>
- Schore, A. N. (2000). Attachment and the regulation of the right brain. *Attachment & Human Development, 2*(1), 23–47. <https://doi.org/10.1080/146167300361309>
- Schroeder, D. A., Graziano, W. G., & Davis, M. H. (2015). *Empathy and Prosocial Behavior. The Oxford Handbook of Prosocial Behavior*.  
<https://doi.org/10.1093/oxfordhb/978019539981>
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2012). An attachment perspective on morality: Strengthening authentic forms of moral decision making. *The social psychology of morality: Exploring the causes of good and evil, 10*(1), 257-274. <https://doi.org/10.1037/13091-014>

- Shaver, P. R., Mikulincer, M., Gross, J. T., Stern, J. A., & Cassidy, J. A. (2016). A lifespan perspective on attachment and care for others: Empathy, altruism, and prosocial behavior. <https://hdl.handle.net/2066/162472>
- Silva, F., Fernandes, M., Veríssimo, M., Shin, N., Vaughn, B. E., & Bost, K. K. (2008). A concordância entre o comportamento de base segura com a mãe nos primeiros anos de vida e os modelos internos dinâmicos no pré-escolar.
- Sperber, J. F., Hart, E. R., Troller-Renfree, S. V., Watts, T. W., & Noble, K. G. (2023). The effect of the COVID-19 pandemic on infant development and maternal mental health in the first 2 years of life. *Infancy*, 28(1), 107-135. <https://doi.org/10.1111/infa.12511>
- Spinrad, T. L., & Eisenberg, N. (2017). Prosocial behavior and empathy-related responding: Relations to children's well-being. *The happy mind: cognitive contributions to well-being*, 331-347. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-58763-9\\_18](https://doi.org/10.1007/978-3-319-58763-9_18)
- Spinrad, T. L., & Gal, D. E. (2018). Fostering prosocial behavior and empathy in young children. *Current opinion in psychology*, 20, 40-44.
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an Organizational Construct. *Child Development*, 48(4), 1184–1199. <https://doi.org/10.2307/1128475>
- Sroufe, L. A., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W. A. (2005). *The development of the person: The Minnesota study of risk and adaptation from birth to adulthood*. New York: Guilford Press.
- Thompson, R. A. (2006). The development of the person: Social understanding, relationships, conscience, self. In N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of Child Psychology* (6th ed., Vol. 3). New York: Wiley.
- Thompson, R. A. (2008). Early attachment and later development: Familiar questions, new answers. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 348-365). Guilford Press.

- Van Hoorn, J., van Dijk, E., Meuwese, R., Rieffe, C., & Crone, E. A. (2016). Peer influence on prosocial behavior in adolescence. *Journal of research on adolescence, 26*(1), 90-100.
- Vergara, D., Antón-Sancho, Á., Maldonado, J. J., & Nieto-Sobrino, M. (2022). Impact of using facemasks on literacy learning: The perception of early childhood education teachers. *European Journal of Investigation in Health, Psychology and Education, 12*(6), 639-654. <https://doi.org/10.3390/ejihpe12060048>
- Waters, H. S., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development, 8*(3), 185–197. <https://doi.org/10.1080/14616730600856016>
- Waters, H. S., Rodrigues, L. M., & Ridgeway, D. (1998). Cognitive underpinnings of narrative attachment assessment. *Journal of Experimental Child Psychology, 71*, 211-234. <https://doi.org/10.1006/jecp.1998.2473>

## VI. Anexos

### Anexo A



A equipa de investigação do WJCR, do ISPA, está atualmente a conduzir um projeto intitulado CARE-Pro: Child Attachment Roots for Empathy and Prosociality. O objetivo é compreender como é que a vinculação influencia a empatia das crianças, e como é que em conjunto predizem o seu comportamento pró-social. As idades pretendidas neste estudo são os 4, 5 e 6 anos.

A participação consiste na observação do comportamento das crianças, em diferentes cenários e brincadeiras próximas de situações quotidianas. As sessões decorrerão na escola, serão filmadas e têm uma duração aproximada de 20 minutos cada.

Simultaneamente, solicita-se a participação dos pais e professores, através do preenchimento de um questionário. Todos os dados recolhidos serão confidenciais e, em qualquer momento, os participantes poderão desistir. Em caso de dúvida ou necessidade de obter mais esclarecimentos agradecemos o contacto através do e-mail: [care\\_pro.ispa@gmail.com](mailto:care_pro.ispa@gmail.com). Agradecemos a vossa colaboração.

Eu, abaixo-assinado, Encarregado de Educação de \_\_\_\_\_, nascido a \_\_\_\_\_, declaro que, no âmbito da recolha de dados do Projeto CARE-Pro:

Li os termos e autorizo a participação do meu educando no estudo.

Não autorizo a participação do meu educando no estudo.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

Assinatura \_\_\_\_\_.

Email onde deseja receber o questionário \_\_\_\_\_